

MANIFESTOS DA CASA DE GESTALT

**CASA DE GESTALT
ESCOLA BRASILEIRA EXPERIMENTAL DE PSICOLOGIA E
PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL.**

A vivência do sentido ontológico da inutilidade amalgama-se com a vivência da dramática da ação, do desdobramento do possível, da possibilidade, da criação. Como condito sine qua non da ação compreensiva e muscullativa. Da criatividade, da poiese. Da existência.

O presente caderno é um núcleo temático de nossa produção. Contém erros formais na sequência dos ensaios, duplicatas, que serão corrigidos nas próximas versões. Igualmente orientará a produção de ensaios sobre o tema.

1. MANIFESTO DA FENOMENOLOGIA GESTALTIFICATIVA	4
2. MANIFESTO DE ÉTICA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL ONTOLÓGICA, FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA. COMPREENSIVA, IMPLICATIVA, GESTALTIFICATIVA.	7
3. MANIFESTO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA	9
4. MANIFESTO ACERCA DA PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM E DA PEDAGOGIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA (COMPREENSIVA, IMPLICATIVA, GESTALTIFICATIVA).	11

1. MANIFESTO DA FENOMENOLOGIA GESTALTIFICATIVA

Entendemos que:

1. A vivência, fenomenológica, é constituinte da ação, e na ação se constitui;
2. Em sua vivência compreensiva e musculativa, musculológica, de sentido, o processo fenomenológico da ação, em específico, é formática, performaticamente, figurativamente, gestaltificativo;
3. Em sua vivência compreensiva, e musculativa, musculológica, de sentido, o processo ontológico, fenomenológico insistencial e dialógico, da gestaltificação da ação é formática, performaticamente, figurativamente, fenomenativo, fenomenológico;
4. De modo que é necessária a condição de considerar o caráter gestaltificativo da fenomenológica fenomenativa -- meramente compreensiva, e compreensiva musculológica, da ação --; e, igualmente, é condição necessária considerar o caráter fenomenativo, fenomenológico, da vivência da gestaltificação;
5. Assim é, portanto, perfeitamente pertinente falar de uma ação, de uma fenomenação, e fenomenologia, eminentemente, própria, e especificamente, gestaltificativas. E de uma gestaltificação intrinsecamente fenomenológica. Na medida em que a gestaltificação é característica inalienável do processamento da vivência fenomenológica, fenomenativa, da ação; e, em sua formatividade criativa, performatividade, performance, performática, a gestaltificação da ação é, eminentemente, fenomenação, fenomenológica;
6. Neste sentido, é inalienável o caráter fenomenológico ontológico da gestaltificação;
7. Em sua musicalidade, o episódio da momentaneidade instantânea da ação, fenomenação, **consiste** em **sístole** (**insistência**), e **exsístole** (**exsístoletensia**), **exsistensia**. Sendo que, em sua **consistência**, a **sístole** da ação (a **insistência**), **consiste** de **diástole** (**diasistensia**), e de **sístole** (**sistensia**); à qual se segue a **exsistensia**. Para, mais uma vez, na **insistência**, reiniciar-se o ciclo.
8. **Insistensia**, o episódio da momentaneidade instantânea da ação é **intensional**, é **intensionalidade**. Na medida em que é a vivência da mobilização do desdobramento gestaltificativo de forças, as possibilidades.
Existensia, o modo ôntico de sermos, não lógico, não ontológico, é **extensionalidade**.

9. Em sua **persistência**, a vivência fenômeno-lógica, onto-lógica, dia-lógica da **insistência**, da ação, em específico, é vivência cabal e concludente da atualização de possibilidades e de sua concomitante constituição de sentido.
10. Em sua sístole -- a insistência --, o episódio da vivência fenomenológica da ação é lógico. Isto quer dizer é vivência de constituição e desdobramento de sentido (*logos*). Tanto enquanto compreensão; como enquanto musculação – meramente compreensivo, pois, ou compreensivo e musculativo. Isto, em específico, quer dizer que a vivência ontológica, fenomenológica, a vivência da ação, em específico é vivência de sentido.
Fenomenológico, ontológico, dialógico.
11. *Logos* designa aqui a constituição e o desdobramento da vivência de sentido, tal como o designavam os Gregos, a Filosofia da Vida, a Fenomenologia.
12. **Fenomenologia**, a emergência em vivência de sentido do desdobramento, devir, da ação; da atualização de possibilidades, no modo de sermos da insistência. **Ontologia** a vivência de sentido de um ser que, em específico, se caracteriza pela vivência de sentido; sentido que é, portanto, ontológico.
Dialogos, o compartilhamento do sentido, na intrínseca interação com a alteridade, que é característica da vivência da ação, da insistência.
13. A vivência da ação, na insistência, é vivência do desdobramento de forças, as possibilidades: desdobramento e devir de possibilidades. Na vivência de seus desdobramentos as possibilidades são sempre múltiplas, a cada momento.
Na momentaneidade instantânea de sua vivência múltipla, as possibilidades competem e argumentam entre si. Constituindo **plexos (plic)**, gestaltificações, de sentido compreensivo e musculativo, nestas competições e argumentações.
14. A vivência múltipla e perplexa das possibilidades, na insistência, é que entendemos por implicação.
15. Em específico, a insistência implicativa e compreensiva, gestaltificativa, fenomenológico insistencial, e dialógica, perplexa, a vivência da duração da ação, é a estética, e a poiética.
16. Estética, o modo de sermos da estesia; poiética, o modo de sermos da vivência da atualização de possibilidades. Ética da insistência, ética da ação. Fenomenológico insistencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa;
17. A constituição cognitiva em plexos -- perplexos, cognitivos-e-musculativos --, dos desdobramentos das possibilidades -- quer seja predominantemente cognitiva,

quer seja cognitiva e muscular -- é preendida, apreendida, como compreensão. Especificamente insintensial, a compreensão é implicativa. E eminentemente perplexa.

18. A implicação e a perplexidade, a compreensão, são o modo de conhecimento do modo de sermos da insintência, da ação. Ação é implicação, perplexidade, compreensão. Fenomenológico insintensial e dialógico, compreensiva, implicativa, gestaltificativa.
19. A vivência insintensial da ação é inspeção. Em sua compreensão e musculação, o ator, a ação, é inspetador, inspeção. Inspetador. Íntegro e não dicotômico – sujeito-objeto. *Jeito*, não é *sujeito*, nem *objeto*. Não espectador de objetos. Ator, ação, na duração da ação, é inspetador, inspetador, inspeção.
20. Ao contrário da insintência, a existência, em específico não é fenomenológica; não é ontológica no sentido de vivência de logos; não é dialógica. A existência não é lógica.
21. A existência não é implicativa.
22. A existência não é compreensiva.
23. Em específico, a existência não é estética, nem poética, porque não se constitui como vivência da emergência do desdobramento, e da atualização, de possibilidades.
24. A existência pode ser teórica (reflexiva), ou comportamental. Teórica, reflexão; ou comportamento.
25. A reflexão constitui-se, no modo coisa de sermos, como a dicotomia sujeito-objeto, o que é a teórica. Teórico, no modo coisa de sermos, é o sujeito, coisa, que contempla objetos que se lhe confrontam dicotomicamente, coisas. O sujeito, acontecido, é o espectador de objetos acontecidos.
26. Na ação ontológica da insintência, somos inspetadores, o modo de conhecermos é inspeção. Implicação e compreensão. Não espectadores.
27. Na perplexidade da implicação insintensial da ação, a compreensão em específico se constitui como gestaltificação
28. Isto quer dizer que constituída na perplexidade da articulação do desdobramento múltiplo de possibilidades constituinte da ação, plexificação, perplexidade, implicação, a compreensão é liminarmente pré-reflexiva.
29. Estética e poética, gestaltificativa, a ação é eminentemente formativa. Criativa.
30. Na momentaneidade instantânea de sua formatividade, de sua criatividade, compreensiva e muscular, a ação oferece-se originariamente como projeto, como desenho, como gestalt, como implicação, como compreensão, perplexamente, perplexidade – como todo que é diferente da soma das partes. Vivência de totalidade significativa que, se dando originária, pré-reflexiva, e intuitivamente, *qua*

totalidade significativa perplexa, só sucessivamente desdobra o sentido de suas partes, o sentido de suas participações. Para então reconstituir-se como totalidade significativa.

Agora não mais como duração da vivência de gestaltificação – estética e poiese --, mas como Gestalt ôntica.

31. Em sua formatividade gestaltificativa, o processo fenomenológico da ação é um fazer. Que, na vivência da projeção gestaltificativa da implicação, vocaciona-se e dirige-se a um conclusivo perfazer-se, a um perfazimento. Que é perfeição. Como modo de fazer da formação, gestaltificação; performance, performance, perfeição.
32. Enquanto perfeição, perfazer, e performance, a ação é rítmica, e musical.
A momentaneidade instantânea da ação é episódica, é episódio musical. Enquanto sucessão de eventos que eventualmente à sua eventualidade conduzem. À aventura.
33. Ode, o episódio musical da ação tem, portanto, a sua prosódia. A implicação.
34. Que, musical, é gestaltificativa, e não segmentar.
Na medida em que, totalização significativa, não exclui nenhuma de suas partes, condensando-as apurativamente na constituição gestaltificativa do sentido.
35. Gestaltificativo, o sentido é, pois, da ordem da apuração (a/puração). Inimputável, portanto.
36. Gestaltificativo, o sentido é eminentemente analógico. O gestaltificativo é eminentemente analógico.
37. Ontificado, no modo de sermos da existencia, coisificado, o conceito resulta – não como a apuração ontológica em que resulta o sentido --, mas da putificação imputativa, e putativa.
Transitada a fenomenológica de sua momentaneidade instantânea, reduz-se naturalmente a multiplicidade de intensidades de possibilidades e dos plexos da vivência da ontológica da ação. Restando apenas os ramos mais centrais de um galho outrora frondoso. Que, pelo desbaste imputativo ainda maior do que era a sua multiplicidade ativa resultará na unidade e na clareza do conceito.
38. A conceituação é ontológica.
39. Ônticos o conceito, e o preconceito.
40. Na existencia, o conceito é putificado, imputado e imputável.
41. O conceito é conceitual, conceptado, e digital.
42. O digital é conceitual.
43. Insistencia, e pré-conceitual, gestaltificação, o sentido é inimputável. É analógico.
Gestaltificação, ao invés de puração e da imputação, o sentido é da ordem da apuração. É inimputável.

2. MANIFESTO DE ÉTICA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL ONTOLÓGICA, FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA. COMPREENSIVA, IMPLICATIVA, GESTALTIFICATIVA.

1. Caracteristicamente, a Psicologia Ambiental carece de uma explícita definição ontológica e epistemológica, que condiciona toda a sua, ética, teórica, e metodológica;
2. A Psicologia Ambiental Fenomenológico Existencial Dialógica assume uma Ontologia Ontológica, e, portanto, uma Ética, uma Epistemologia, uma Teórica, e uma Metodológica com esta compatível, e desta derivada;
3. Em sua ontológica, o Ambiente é ontológico;
4. Caracteristicamente, nesta Ontologia o Ambiente é, somos, um ser ambíguo;
5. Em primeiro lugar, a ambiguidade do ambiente significa que ele é ontológico, e, alternativamente, também, não ontológico. Que somos ontológicos e ônticos, e, correlativamente, o Ambiente é, ontológico, e ôntico. No seu modo não ontológico, o ambiente, não ontológico, é ôntico,
6. Na sua condição propriamente ontológica, em segundo lugar, o Ambiente é ainda ambíguo, na medida em que se dá, nesta condição, como dramática de uma dialógica -- *eu-possível* -- *alteridade-possível*, eu-tu - possível, e atualizativos. Presentes, e atuais.
7. Isso quer dizer que, no caráter originário de sua vivência ontológica, Ambiente não é um objeto, é *tu*, é ator, e, na intrínseca dialógica, é constituinte do ser que somos.
8. E que, em sua ontológica, como tal, na momentaneidade instantânea de sua vivência ontológica, da mesma forma que nós próprios, o Ambiente só se dá como experimentação, e como hermenêutica, ontológicas. Fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativas. Ao modo ontológico de sermos, naturalmente;
9. Inevitavelmente ôntico, em sequência e consequência do episódio de sua vivência ontológica, o Ambiente não se resolve ao nível desta sua condição ôntica. E deve o seu caráter originário a sua dimensão ontológica. Presente e atual. Condição com a qual se alterna a sua condição ôntica;
10. Em sua expressão ontológica, assim, o ambiente é fenomenológico existencial e dialógico. Compreensivo, implicativo, gestaltificativo;
11. Enquanto tal, o Ambiente em específico é assim estético e poético;
12. Dá-se como vivência pré-reflexiva em todo o sentido de sua ontológica;

13. Em sua ontológica, o Ambiente, em absoluto, não é objeto. E não nos damos como sujeitos em sua vivência ontológica específica;
14. O Ambiente se dá como ação, na vivência do modo ontológico de sermos. No modo ontológico de sermos, o Ambiente, e nós próprios, somos atores, somos ação, especificamente.
15. Absurdo, portanto, e específica e gravemente danoso, reduzir o Ambiente, ou reduzirmo-nos, a sua/nossa, condição reflexiva (dicotomia sujeito-objeto). Teorética, ou comportamentalmente;
16. Em sua ontológica, o Ambiente dá-se em específico, na eventualidade do episódio de sua momentaneidade instantânea, como dialógica;
17. Dá-se, apenas, e em específico, em sua empiria fenomenológica existencial e dialógica, como experimentação e hermenêutica ontológicas, implicativas, e compreensivas;
18. A característica ética, estética, poética, portanto, é característica precípua, e definidora, do Ambiente, em sua ontológica, das relações ambientais, e da Ciência Ambiental. Compreensivos, implicativos, gestaltificativos, hermenêuticos, fenomenológico existenciais, e dialógicos;
19. Esta ética condiciona a vivência e a avaliação ambientais, e condiciona a em especial a sua teorética e metodológica.

3. MANIFESTO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA

1. A Psicologia do Esporte carece de um fundamento ontológico, que embase e fundamente a sua epistemologia, a sua teoria, e a sua metodologia;
2. No nosso caso, esta Ontologia em específico não poderia ser outra que a ontologia humana: fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa;
3. Em sendo assim, entendemos a experiência desportiva como o ludismo paroxístico da vivência ontológica fenomenológico existencial da ação, estética e poiética, com todas as suas características;
4. No paroxismo de sua momentaneidade instantânea, a experiência desportiva é fenomenologia existencial concentrada, com todas as características desta;
5. Em específico, é vivência pré-reflexiva. Modo de sermos do ator, em sua presença e atualidade. Anterior, em sua vivência, ao modo ôntico de sermos: o modo de sermos do ente;
6. Na duração da vivência ontológica fenomenológico existencial da experiência desportiva não vigora a causalidade;
7. Da mesma forma que não vigora a utilidade;
8. Não vigora o propósito;
9. Em sendo vivência de possibilidade, na dramática da ação, nela não vigora a realidade;
10. A vivência fenomenológico existencial desportiva, ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa gestaltificativa, é pré-reflexiva, em sua duração, e não é da ordem da causalidade, não é o modo de sermos do propósito, não é o modo de sermos da realidade. Constitui-se como vivência instantaneamente momentânea da dramática estética e poiética da ação.
11. Vivência ontológica, enquanto atualização de possibilidades, é o modo de sermos do devir existencial, modo de sermos da moção, enquanto atualização de possibilidades, ação; modo de sermos da emoção; modo de sermos da cognição, compreensiva; da motivação; da criação, e da superação.
12. Para isto é um estético, e poiético, **desportar**. **Desportar** em específico do **porto** do **comportamento**. Um **desportar** do passado. Na instantaneidade momentânea da duração de sua presença e atualidade, como ação. Como vivência, em sua tentatividade e risco, do desdobramento de possibilidades;
13. Ação, fenomenológica existencial, compreensiva, da dramática da ação, a experiência desportiva, na momentaneidade instantânea da duração de seu paroxismo, é compreensão, e musculação. Tendencialmente de modo

meramente compreensivo; ou de modo compreensivo e musculativo. Musculológico.

14. Fenomenológica da ação, na sua vivência musculológica, musculologia, integram-se muscularidade e compreensão;
15. A habitualidade da vivência da fenomenológica da experimentação da experiência desportiva como hermenêutica da ação potencializa a perícia na sua dialógica, como desdobramento da ação;
16. A dialógica é intrínseca à duração da experiência desportiva, como é intrínseca à vivência do desdobramento da ação;
17. A dialógica com os elementos da natureza não humana, a dialógica com os elementos humanos, individuais e grupais, e a dialógica como sagrado;
18. São instrumentos da Psicologia do Esporte Fenomenológico Existencial e Dialógica, entre outros, a interação com atletas individuais e coletivamente e a interação entre atletas, na duração da própria experiência desportiva, a entrevista dialógica, o grupo dialógico vivencial clássico.

4. MANIFESTO ACERCA DA PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM E DA PEDAGOGIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA (COMPREENSIVA, IMPLICATIVA, GESTALTIFICATIVA).

Entendemos que:

1. A questão ontológica é uma questão precípua da compreensão da Aprendizagem, e da Pedagogia;
2. Que a aprendizagem é ato, no seu sentido próprio e específico, é própria e especificamente ontológica.
3. Ou seja, que a aprendizagem dá-se como ontológica, como ato na fenomenológica do sentido.
4. Sendo assim é intrínseca e incontornavelmente fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa,
5. Em seus aspectos intrínsecos e incontornáveis, de moção – de devir, como atualização de possibilidades --, de emoção, de cognição pré-reflexiva – em específico, compreensiva e implicativa --, de motivação, de criação, e de superação. Em específico, a aprendizagem é estética e poética;
6. Devir da ação, o ato de aprendizagem, intrínseca e especificamente, gestaltificativamente, é moção, emoção, cognição, motivação, e superação; especificamente na dramática (ação) do modo ontológico de sermos;
7. A fenomenológica existencial da dramática da ação;
8. A Aprendizagem se dá como ato, como ação fenomenológica como tal, eminentemente pré-reflexiva, compreensiva, e implicativa.
9. De modo que poderíamos petinentemente, não é muito, falar de uma *ática*, de uma dramática, naturalmente compreensiva, da aprendizagem. Que pode, propriamente, assim, por motivos de clareza designar-se como *Apreendizática*.
10. Modo de sermos da ação, a *Apreendizática*, especificamente pré-reflexiva, dramática, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa – implicação, especificamente – não é da ordem do modo reflexivo de sermos da teorética;
11. Da mesma forma que não é da ordem do modo de sermos do comportamento;
12. Comportamento, e teorética compõem o modo reflexivo de sermos da explicação. Que, inerme, não se constitui como a ação, que é eminentemente implicativa. Pré-reflexiva, e somente na qual em específico se dá a cognição compreensiva e implicativa, fenomenológico existencial e dialógica, inerente ao seu desdobramento;

13. A ética específica da apreendizática, apreendisética, é assim a eticidade fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa da dramática da ação; característica do modo especificamente ontológico de sermos;
14. Característicos do modo ontológico de sermos, a dramática da ação, é pré-reflexiva, não é o modo de sermos do sujeito, nem do objeto, mas o modo de sermos do ator. Não é da ordem do modo de sermos da causalidade, não é da ordem do modo de sermos do propósito, é desproposital, não é, em si, na duração da sua vivência, da ordem da utilidade – não é prática, não é pragmática, nem da ordem da realidade;
15. À Pedagogia intrinsecamente compete uma eticidade compatível com a ética da apreendizática, com a apreendisética, do ato de aprendizagem. Uma Educacionética. Compreensiva, fenomenológico existencial e dialógica, implicativa, gestaltificativa. Ontológica, enfim... A vivência da Pedagogia é estética e poiética. Sob o risco de melhor definir-se, enquanto educação, como adestramento, como predação, e parasitismo;
16. De modo que a efetiva eticidade da Pedagogia é a eticidade fenomenológico existencial dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa;
17. Paulo Freire, trilhou consistentemente, a trajetória de um modelo ontológico, compreensivo de Pedagogia. Foi um pioneiro, e basou sua Pedagogia numa consistente crítica Marxista da sociedade Brasileira, e de seu colonialismo;
18. É preciso não confundir crítica social com metodologia. A metodologia freyreana é a dialógica de um empirismo fenomenológico. Que não é objetivista, e em nada se opõe teorização e à crítica teórica, em particular no que concerne à crítica social; que em nada se compromete em suas características dialéticas;
19. Carl Rogers também compreendeu e foi consistente com o caráter compreensivo, fenomenológico existencial da Apreendizática; de resto já constituintes da fundamentação, da concepção e da metodologia de sua abordagem de Psicologia e de Psicoterapia.
20. Paulo Freyre foi muito mais fundo e consistente na experimentação de suas concepções e metodologia fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, implicativa, gestaltificativa. Ontológica, enfim, fundada e derivada de sua crítica social da sociedade Brasileira.